



Nuno Lopes, com Afonso Pimentel, numa cena de combate de 'Linhas de Wellington' (em cima, à esquerda); Victória Guerra interpreta a inglesa Clarissa, que vai com o irmão mais novo na enxurrada dos refugiados (em cima e em baixo, à direita); a recriação do êxodo para a segurança das Linhas de Torres mobilizou um grande número de figurantes (à esquerda)

Combater, sofrer, amar e morrer durante as Invasões Francesas

Cinema. Estreia-se hoje 'Linhas de Wellington', de Valeria Sarmiento, uma grande produção histórica, rara no nosso cinema, com um elenco português e estrangeiro. O DN falou com Nuno Lopes e Victória Guerra, dois dos intérpretes

EURICO DE BARROS

Portugal, 1810. O País sofre a Terceira Invasão Francesa, comandada pelo marechal Massena. Apesar de terem derrotado os franceses no Buçaco, as forças anglo-portuguesas, sob as ordens do general Wellesley, futuro Duque de Wellington, recuam para a segurança das Linhas de Torres, que protegem Lisboa (ver caixa), devido à superioridade numérica inimiga. São acompanhadas pela longa serpente dos refugiados, homens, mulheres e crianças de todas as idades e origens sociais, que cruzam os seus destinos no êxodo.

Este é o quadro histórico e humano de *Linhas de Wellington*, de Valeria Sarmiento (estreia-se hoje),

um projeto de Raúl Ruiz, seu marido, que a morte impediu o autor de *Mistérios de Lisboa* de filmar. A viúva, e sua colaboradora, recebeu do produtor Paulo Branco o testemunho desta ambiciosa e raríssima grande produção de época sobre um acontecimento marcante da nossa história. (A versão para televisão, mais longa e homogênea, passará na RTP).

Nuno Lopes interpreta o sargento Francisco Xavier, um lavrador que se alistou após a família ter sido dizimada pelo invasor; e Victória Guerra é a jovem inglesa Clarissa Warren, que vai na enxurrada dos refugiados. Ambos falaram ao DN sobre o filme, onde partilham o elenco com colegas portuguesas como Adriano Luz, José Afonso Pimentel, Soraia Chaves ou Joana de

Verona, e estrangeiros como Mari-sa Paredes, John Malkovich, Melvil Poupaud ou Isabelle Huppert.

"Foi uma experiência muito especial", frisa Nuno Lopes. "Não é muito normal no nosso cinema, por questões de produção, retratarmos um momento histórico português tão importante. O filme, aliás, é menos sobre o aspecto bélico das invasões, do que sobre o que acontece às pessoas numa guerra. O êxodo une gente socialmente diferente, pobres e ricos, cultos e analfabetos, e isso cria toda a espécie de relações: ódio, amizade, amor. A minha personagem é um tipo simples apanhado

pela guerra, que a certa altura diz uma frase que o define: 'Sou soldado por acaso e camponês de nascença.' A rodagem "foi sem dúvida a mais fácil que eu já tive", diz o ator. "Nisso foi uma grande mais-valia o trabalho da Valeria e da equipa, que tiveram o dom de unir esforços para que tudo corresse de forma serena. Grande parte da equipa de *Mistérios de Lisboa*

transitou para esta fita. O Raúl Ruiz começou a prepará-la, mas é verdadeiramente um filme da Valeria, a fase final de preparação e toda a rodagem são dela."

Aos 23 anos, com trabalho na televisão e uma curta no currículo,

Victória Guerra entrou nas longas-metragens pela grande porta de *Linhas de Wellington*. "Foi incrível e foi uma honra", conta. "Trabalhei muito para conseguir estar ao nível dos outros atores, e adorei trabalhar com a Valeria. Foi diferente de tudo o que fiz até agora. Ela é uma pessoa de poucas palavras, muito calma, por isso o trabalho com as personagens é muito nosso. Como a minha personagem é inglesa, tive de pesquisar, de perceber como eram as raparigas daquela idade, como falavam com os homens, etc. Ela está num mundo que não é o dela e por acaso consegui ler um excerto de um livro de uma inglesa da minha idade que estava em Portugal naquela altura, o que me ajudou a perceber melhor a Clarissa. Como sou meia in-

"O filme é ainda uma última homenagem ao Raúl Ruiz"



PERSONAGEM

O valioso papel do major Neves Costa

► O filme de Valeria Sarmiento não o menciona, mas um oficial português, engenheiro, topógrafo e cartógrafo, o major José Maria das Neves Costa, teve um papel destacado no estabelecimento das defesas das Linhas de Torres Vedras (o filme também se engana ao chamar “duque de Wellington” ao militar britânico, pois à altura dos acontecimentos aqui recriados ele era ainda visconde, e general Arthur Wellesley). Neves Costa trabalhou aturdadamente no levantamento topográfico que serviu de base à construção das Linhas de Torres, que defendiam dos franceses a região de Lisboa, sob as ordens do coronel e engenheiro britânico Richard Fletcher. Morreu com a patente de brigadeiro e é o Patrono do Instituto Geográfico do Exército.

glesa e falo inglês, fiquei contente por o meu primeiro grande trabalho no cinema ser nessa língua. E aprendi provavelmente mais naqueles meses de rodagem do que nos últimos cinco anos.”

Nuno Lopes e Victória Guerra ensaiaram antes da rodagem com Valeria Sarmiento, o argumentista Carlos Saboga e os atores com quem iam contracenar. Houve “muito trabalho de preparação para tirar dúvidas sobre as personagens”, diz Victória. “E como os atores estavam todos unidos na vontade de contar esta história, e de homenagear o Raúl, isso tornou fácil a ligação entre atores que se conheciam e não conheciam, e entre elenco nacional e internacional.”

Nuno e Victória são unânimes sobre a “importância histórica” do filme, por dar o ponto de vista português sobre “um momento histórico da Europa”. E também “por ser uma despedida e última homenagem ao Raúl Ruiz”, como explica Nuno Lopes. “Estão no filme muitos atores que trabalharam com ele, e ele rodou muito em Portugal. Essa homenagem portuguesa feita pela mulher do Raúl com os atores que filmaram muito com ele é quase uma coisa familiar. É uma despedida. E um até já.”